

AS TRÊS ISAURAS: MEMÓRIAS DA VIOLÊNCIA PATRIARCAL EM A *DANÇA DOS CABELOS*, DE CARLOS HERCULANO LOPES

Terezinha Richartz¹

RESUMO: A memória é uma reformulação e uma releitura dos acontecimentos que foram significativos no passado e, por isso, continuam presentes, norteando o comportamento dos sujeitos. Nem sempre são individuais; normalmente relembram experiências coletivas. Assim, o objetivo deste artigo é discutir porque a memória da violência patriarcal é tão presente no romance *A Dança dos cabelos*, de Carlos Herculano Lopes, atravessando a vida das protagonistas. O presente trabalho aponta que as lembranças individuais também são coletivas, já que são transmitidas entre gerações. Retrata, pois, como a violência patriarcal vai, de alguma forma, trançar a vida das três Isauras – avó, mãe e neta/filha — especialmente nos espaços da casa. Desta forma, conclui-se que o patriarcado determina com precisão o que as mulheres podem e devem fazer. Independente da geração das protagonistas, a violência de gênero materializa-se, de alguma forma, nos espaços da casa, especialmente no quarto, onde a memória do sofrimento é muito mais viva.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; *A dança dos cabelos*; Carlos Herculano Lopes; violência de gênero; patriarcado.

ABSTRACT: Memory is a reformulation and re-reading of events that have been significant in the past and therefore remain present, guiding the behavior of subjects. They are not always individual; usually recall collective experiences. Thus, the purpose of this article is to discuss why the memory of patriarchal violence is so present in the plot of *The Hair Dance*, by Carlos Herculano Lopes, traversing the lives of the protagonists. The present work points out that individual memories are also collective, since they are transmitted between generations. It portrays, then, how patriarchal violence will, in some way, braid the life of the three Isauras - grandmother, mother and granddaughter / daughter - especially in the spaces of the house. In this way, we conclude that patriarchy determines precisely what women can and should do. Regardless of the generation of protagonists, gender violence materializes in some way in the spaces of the house, especially in the bedroom, where the memory of suffering is much more alive.

KEYWORDS: Memory; The hair dance; Carlos Herculano Lopes; gender violence; patriarchy

Introdução

O romance *A dança dos cabelos* foi publicado em 1987 pelo mineiro Carlos Herculano Lopes. Apresenta a vida de três mulheres: avó, mãe e filha. Todas possuem o mesmo nome: Isaura. As tramas das vidas das três personagens são tecidas como tranças, entrelaçando, portanto, os seus destinos, permeados, indiscutivelmente, pela violência de gênero.

O romance é narrado em primeira pessoa, por duas personagens: Isaura (mãe) e Isaura (filha/neta). Ambas contam suas histórias e a história da avó, que é a terceira personagem.

¹ Doutora em Ciências Sociais (PUC/SP); Docente do Programa de Mestrado em Letras –Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: terezinha@unincor.edu.br. Link de acesso ao lattes atualizado: <http://lattes.cnpq.br/9610707436484070>

Como a literatura representa o que acontece no cotidiano, neste artigo será discutido por que a memória da violência patriarcal é tão presente na história a ponto de ser recuperada nas lembranças amargas das mulheres protagonistas. O discurso é polifônico: as várias vozes das mulheres aparecem entrecruzadas, simbolizadas pela imagem da trança. Esta imagem aponta, também, para a dificuldade de superação do problema. A violência de gênero foi e ainda é presente na vida de muitas mulheres, especialmente no seio da família, nas relações matrimoniais, tomando forma em cada espaço da casa, onde as agressões se materializam.

A experiência das personagens, especialmente da avó e da mãe, retrata como o sistema patriarcal permeia a vida das mulheres em seus relacionamentos afetivos. A maioria dos casamentos são construídos por interesse e, nesta relação, o que menos importa é a vontade feminina. Por isso, uma história que traz tantas memórias de violência familiar tem valor simbólico, já que levam à reflexão sobre a temática.

Experiências de violência patriarcal eternizadas na memória das personagens

Para explicar o que entendemos por memória, apropriamo-nos do conceito de Bosi. Para a autora, a memória situa-se na “[...] fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura”, porque a memória pessoal, “[...] é também uma memória social, familiar e grupal” (BOSI, 1994, p. 37). As imagens remotas, quase desconhecidas pelo personagem que lembra, normalmente são recordadas através do auxílio de testemunhas. “Muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós” (BOSI, 1994, p. 407). Mas vale destacar que, para Bosi, mesmo a memória sendo coletiva, é o indivíduo e, no nosso caso, a personagem, que recorda.

O que não for atualmente significativo para o grupo é esquecido, pois estes aspectos não costumam ser objeto de conversa ou de elaboração comum. Na busca pela significação, os sujeitos agregam, esquematizam e simplificam tanto o material novo a ser conhecido, quanto o material antigo, quando resgatado pela memória (BOSI, 1994).

A representação social da violência familiar mantém-se viva pela memória do que é transmitido entre gerações e, também, através das representações sociais atuais, já que, através das lembranças, valores positivos ou negativos são mantidos e ressignificados. A

memória é uma reconstrução de acontecimentos individuais e coletivos com base nas ideias e valores atuais.

Para Bosi (1994), lembrar não é só reviver, mas refazer, com imagens e concepções de hoje, as experiências do passado. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que temos hoje, à nossa disposição, através das representações que povoam nossa consciência atual.

Assim, a personagem, ao contar suas memórias, reconstrói o que foi marcante para si e para aquele grupo, no momento da narração. O que é importante recebeu influências do fato social e, ao ser recontado continua sendo reproduzido. Desta forma, não é possível dissociar a memória individual da coletiva. Como nosso recorte diz respeito à violência sofrida pelas personagens, a força coercitiva do patriarcado vai permear a vida das três gerações. Todas as mulheres da família, no romance referido, de alguma forma, sofreram as consequências de uma sociedade patriarcal. Além disso, e por incrível que pareça, a violência da história continua se perpetuando na vida de muitas mulheres, ainda hoje.

Cada uma das personagens carrega o peso da violência sofrida pela outra, e todas elas sofrem durante todo o desenrolar da história. Assim, as três histórias se cruzam como o trançar dos cabelos.

O patriarcado como sistema opressivo permeando a memória

Para entender por que a memória da violência patriarcal é tão presente nas lembranças das protagonistas, é necessário entender o que é patriarcado e como o espaço da casa é gendrado.

Gênero é uma construção social de práticas e representações que posicionam os sujeitos enquanto homens e mulheres no mundo. Já o patriarcado, segundo Saffioti (2004), apresenta relações hierarquizadas entre os seres socialmente desiguais e, por isso, está no coração da engrenagem de dominação e exploração das mulheres pelos homens. O patriarcado apresenta relações muito mais fixas e de difícil resolução, já que a mulher está numa posição de subordinação e deve prestar obediência ao marido.

Para Therborn, “O poder paterno é o significado central do patriarcado [...]. Pais poderosos são também maridos, de modo que parece ao mesmo tempo lógico e prático

estender a noção de patriarcado ao poder dos maridos” (THERBORN, 2006, p. 22). Neste sistema, o marido exerce controle sobre a esposa.

O sistema patriarcal aparece com nitidez na divisão dos espaços público e privado. Ao homem compete se preocupar com o trabalho e com o sustento da família. Nesta divisão, a casa recebe contornos especiais: apesar de ser obrigação da mulher gerenciá-la, quem manda e determina as regras são os homens.

Segundo Damatta (1997, p. 15), a “casa” pode ter definições diferentes. As casas não designam “[...] espaços geográficos, ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados [...]”.

Assim, atravessamentos ideológicos, disseminados pelo patriarcado e institucionalizados pela cultura fazem com que a esposa deva obediência ao marido. O quarto, aparentemente tratado como ninho de amor, é, comumente, o espaço da violência, já que é uma ambiência a que pessoas de fora da casa não têm acesso. Nestes espaços, mulheres são torturadas física e psicologicamente, até com relações sexuais forçadas, sem que ninguém fique sabendo.

Conforme afirma Saffioti (1987), o direito do marido ao uso sexual da mulher é garantido pelo dever conjugal, presente na ideologia que legitima o poder do macho. No dever conjugal, está presente a obrigação de a mulher prestar serviços sexuais ao companheiro quando ele quiser.

Assim, a maioria das mulheres acha natural ter relacionamentos sexuais abusivos em que os homens exercem coação física, moral ou psicológica. Obedecem, caladas, como se o destino de todas fosse esse. Como o dominado de alguma forma concorda, a resistência é muito mais difícil, já que a violência sofrida pelas mulheres está em toda parte (RICHARTZ, 2007). Basta acompanhar as notícias que circulam, ou olhar para a vizinha ao nosso lado, ou, até mesmo, dentro de nossos lares. Por isso é muito difícil escapar.

Diante do que propõe o patriarcado, os romances como artefato cultural importante também representam aspectos da realidade. Conforme afirma Candido, o romance tem uma relação com a realidade quando o autor procura persuadir o leitor através da história que a narrativa é passível de ser verdadeira. Por isso que Antonio Candido define a personagem

como “[...] um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (CANDIDO, 1976, p. 55).

Ainda hoje, muitas mulheres sofrem algum tipo de violência dentro de casa semelhante ao que é representado nas páginas do romance.

Tânica Pellegrini (2004), no artigo “No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje”, afirma que uma das linhas mais importantes da literatura brasileira é aquela que trata da história da representação da violência, entendendo-se violência, aqui, como o uso da força para causar dano físico ou psicológico a outra pessoa. A função social da cultura e, neste caso, da literatura, não é falar só da beleza e da harmonia, mas também trazer a representação da violência.

Nessa linha, é bastante provável que a produção e o consumo dos textos aqui analisados, como vimos², tenha brotado justamente do inominável [...], representado pela ausência de limites para o excesso de violência (variável em cada texto), mas também da visão “exemplar” dos fundamentos da experiência humana quase em estado primitivo, anterior à constituição do indivíduo como um ser apto a viver com dignidade em uma sociedade civilizada, porque justa. (PELLEGRINI, 2004, p. 32)

Isso ocorre, de fato, no romance escrito por Carlos Herculano Lopes. Este texto ficcional traz narrativas em primeira pessoa, de personagens femininas e em tempos diferentes. De modo bem sutil, elas trazem na memória assuntos em comum: a violência física e psicológica sofrida pelas mulheres, bem como a questão da família marcada pela violência em relacionamentos conflituosos nas três gerações.

O termo trança, presente no título e que permeia toda a história, aparece numa ação de trançar algo de forma constante para mostrar que a vida de cada Isaura foi permeada pela violência marcando as três gerações de tal forma a resultar, aparentemente, a história de uma

² Tânia Pellegrini no artigo “No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje” apresenta uma possibilidade de leitura de dois textos literários, “Cidade de Deus, de Paulo Lins (1997) e Estação Carandiru, de Dráuzio Varella (1999), no intuito de neles acompanhar determinadas constantes da expressão cultural brasileira, que podem funcionar como balizas para partilhar inquietações sobre a representação da violência, procurando avaliar seu sentido e função social, num momento em que ainda não há um consenso estabelecido sobre tais questões”. (PELLEGRINI, 2004, p. 15). A autora trata “de espaços não valorizados socialmente, como a periferia dos grandes centros urbanos, ou os enclaves murados em seu interior, como as prisões, os textos citados e alguns outros vêm conseguindo visibilidade na mídia, êxito perante parte importante da crítica e reconhecimento dentro do campo literário e cultural, provocando debates sobre sua legitimidade, enquanto expressão de um sujeito social até então sem voz, ou mesmo sobre a possibilidade de criação de uma nova vertente temática e estilística, correspondente à matéria que traduzem.” (PELLEGRINI, 2004, p. 15).

só vida. Porém, são três personagens envolvidas com a violência: cada uma a seu modo, de acordo com o momento histórico de cada uma.

Assim, o patriarcado, como uma trança, vai perpassando a vida das personagens, o que, de certa forma, é uma alusão a algo que acontece, ainda hoje. Avós, mães e filhas continuam vítimas do sistema patriarcal que, através da violência, determina espaços. Todo esse sofrimento geracional é resgatado pela memória coletiva. Vamos, então, à análise.

As tristes lembranças das três Isauras

A avó Isaura conta a história de sua vida para a neta, antes de morrer. Esta ação de reviver as lembranças é considerada, por Bosi (1994), como fundamental, para manter a memória, já que, segundo a autora, “sempre fica o que significa”. Então, se a avó no romance quis resgatar todo o sofrimento que passou é porque queria que a neta tivesse acesso a essas informações e continuasse a mantê-las vivas.

A seguir a rememoração da vida de Avó Isaura e o sofrimento imposto pelas relações patriarcais. O casamento de Isaura Avó se dá por um ato de extrema violência ou, conforme afirma Pelegrini (2004), uma violência em estado primitivo, desrespeitando qualquer legislação vigente. Como o pai de Isaura (avó) se recusou a vender as terras, foi morto junto com os outros homens da família:

[...] aquele dia, quando acompanhado por jagunços, a maioria buscada na Bahia, ele mandou que cercassem a casa e que iniciasse o tiroteio. Quando, aos gritos, que se confundiam com os latidos dos cães e montados em seus cavalos ou em bestas, os que cumpriam as suas ordens primeiro atiraram em um meu primo que se chamava Tarcísio e que morreu abraçado a uma carabina, ao tentar uma melhor posição no alpendre, onde também caíram, defendendo a nossa casa, o meu pai e três dos meus irmãos. [...] E mandou que incendiassem a casa. E os corpos, depois de cortadas as cabeças, fossem jogados no rio. (LOPES, 1993, p. 29-30)

Na continuação do romance, é apresentado o motivo do massacre: “A cabeça do meu pai, que se **recusou a lhe vender as terras**, separada do corpo, se encontrava a uns poucos passos de mim. [...] E onde antes ficava a nossa casa, agora só restavam escombros e a quente poeira das chamas”. (LOPES, 1993, p. 31, grifo nosso).

Depois de matar todos os homens da família, Antônio pediu para os jagunços deixarem Isaura (avó) que, naquela ocasião, ainda era adolescente, com ele: “Mas a moreninha, podem deixar comigo, pois dela eu tomo conta” (LOPES, 2001, p. 42).

Num gesto de quem se apropria da jovem como um animal pertencente à fazenda, pediu para a jovem Isaura (avó) beijar sua mão. Como ela se recusou, foi espancada com crueldade, estuprada e levada à força para ser sua esposa. “Ela teve que se dobrar de joelho, implorar por sua vida e entregar-se àquele homem que, atrás de umas pedras, deixaria em seu ventre de adolescente o primeiro dos catorze filhos” (LOPES, 1993, p. 31).

Em outra passagem, retrata outros elementos das agressões sofridas pela adolescente, quando se tornou propriedade junto com as terras:

E bateu em mim com violência. Os pontapés e chicotadas abriram lanhos em minhas carnes, contraindo em vômitos o meu ventre. Até que os joelhos, devagar, foram se dobrando e repetidas vezes o chamei de senhor: beijei as suas mãos e a sua boca e implorei pela minha vida, que a partir daquele dia, e nos dez anos que se seguiram – até que pude andar pela casa – passaria a lhe pertencer. E trancada dentro de um quarto, dia e noite vigiada por seus homens, a comida me era entregue por um buraco. As necessidades, eu as fazia em um urinol que no outro dia era recolhido com as peneiras – que eu tinha obrigação de trançar. (LOPES, 1993, p. 32)

Durante dez anos viveu desta forma. Prisioneira, era obrigada a obedecer e cumprir sua função como esposa. No espaço do quarto, são vivenciadas situações de sofrimento físico e psicológico, beirando a tortura, principalmente quando ela é obrigada a ter relacionamento sexual forçado com Antônio, seu marido e algoz: “E sem dizer uma só palavra, assim como estava vestido – e às vezes sem tirar as esporas – ele a obrigava a dizer, eu te amo. Eu quero o seu amor. Enquanto, como um louco, se atirava sobre aquela mulher que não tinha outra alternativa a não ser fechar os olhos e cumprir a sua vontade”. (LOPES, 1993, p. 45).

Para Pateman (1993), o pacto original é, ao mesmo tempo, um contrato sexual e social. É social no sentido de patriarcal, porque o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres e é sexual porque lhes permite o acesso sistemático ao corpo das mulheres. O contrato original cria a lei do direito sexual masculino e esse contrato dá legitimidade ao patriarcado moderno.

Através do casamento, o homem se considera proprietário do corpo da mulher e, por isso, ela deve fazer todas as suas vontades, não importando o que sente ou acha daquela relação.

Quanto ao prazer sexual masculino, a partir do conceito de patriarcado, podemos observar que Isaura (avó), após vivenciar o massacre da família, vê Antônio tomar posse da terra de seus pais e, junto com a propriedade, como um animal que dali fizesse parte, é levada por Antônio para ser sua esposa. Ela não terá outra saída a não ser aceitar o destino de pertencer a Antônio.

As memórias de Isaura (mãe) também são permeadas pela violência que sofreu de Antônio, seu marido. Ela relembra como, em cada espaço da casa, a violência ganhou forma.

No quarto, Isaura (mãe) também vai sofrer violência psicológica pelas traições do marido:

[...], você me deixava entre lençóis frios, para ir se deitar com a amante que talvez lhe fizesse as mesmas coisas que eu gostava, mas que nem sempre me foram permitidas. Porque, sendo a sua esposa, às vezes você achava que eu não devia passar de certos limites. Ah, Antônio! Como eram doloridos aqueles momentos! Como te odiei ao ouvir os gemidos do teu gozo. (LOPES, 1993, p. 16)

Mais outra passagem reforça o quanto as aventuras extraconjugais do marido faziam parte da vida de Isaura (mãe) e o quanto ela sofria com as traições:

Antônio, que passava a maior parte do dia em sua tenda, pedindo a ela que lesse a sua sorte ou jogasse os búzios, a trouxe para dentro de casa e disse, me obrigando a engolir a humilhação: querida, esta é a nossa nova empregada. E foi com ela que durante mais de seis meses, até que seus companheiros cruzados em armas, a buscaram, ele dormiu no quarto ao lado do nosso. Enquanto abraçada à minha filha, que só depois viria a saber destas histórias, e ser o meu único ponto de apoio, eu simplesmente chorava. (LOPES, 1993, p. 23)

Isaura (mãe) sofre quando o marido a deixa sozinha no quarto e vai se divertir com a amante. A traição, a falta de espaço como esposa e a dificuldade para se entregar sem limites são motivo de sofrimento. Os homens gostam de mulheres comportadas como esposas e, para satisfazer seus desejos, vão em busca de mulheres fogosas, na rua, por dois motivos: 1) Para mãe dos filhos querem uma “santa” em casa, até mesmo porque, se a mulher for fogosa, ela pode procurar aventuras na rua, colocando, portanto, em risco, a garantia de que a prole é sua; 2) A traição feminina é considerada inaceitável na sociedade patriarcal. Quem pode ter aventuras extraconjugais são os homens.

Antônio, além de ter amantes na rua, resolve ir embora de casa para aproveitar a vida, e quando Isaura (mãe) vai tentar convencê-lo a ficar ou a levá-la, juntamente com a filha, na viagem, para se divertirem juntos, é novamente agredida:

Mas fui obrigada a me calar pela violência de seus gritos seguidos pela aridez de suas frases [...]. Eu não quero você, te rejeito como desprezei o meu diploma e os louvores e as medalhas de melhor aluno. Eu não gosto, nunca gostei de você, que jamais me completou como homem e que simplesmente – e isso não basta – rezou e abriu as pernas (LOPES, 1993, p. 21).

Isaura (mãe) foi humilhada e desprezada como mulher. Apesar de desejar seu marido, Antônio, este não sentia nenhuma atração por ela. Inconsequente e imaturo, larga a mulher, a filha e tudo o que possuía. Sai pelo mundo em busca de aventuras, só voltando para casa quando o dinheiro acaba (LOPES, 1993).

O adultério masculino, além de ser aceito, é, também, uma forma de justificar a conduta da esposa. A mulher é sempre a culpada pelo seu próprio sofrimento. No caso de Isaura (mãe), o marido não se realizava sexualmente com ela; por isso, justificava-se buscar aventuras fora de casa.

Na narrativa, a violência contra a mulher também acontece quando Isaura (mãe), por estar grávida, se recusa a acompanhar o marido num evento político em que comemorava sua candidatura. Na política, ter família constituída é importante para conquistar votos. Por isso, exibir a família completa sempre foi uma forma de *marketing* eleitoral.

Neste contexto, o domínio do corpo, a violência familiar, e a violência de gênero ocorrem nitidamente.

Mas Antônio estava feliz quando me disse que finalmente havia sido indicado, sem precisar ir à convenção. E por estar tão alegre, e já confiante na vitória, queria que eu também compartilhasse, e fosse com ele e alguns amigos, jantar na churrascaria. E que eu poderia ficar despreocupada, pois voltaríamos cedo e ele não beberia muito. Mas confesso que não estava disposta: havia enjoado, sentia a boca amarga e uma leve dor de estômago. Tentei ainda, como pude, fazê-lo entender os cuidados que eu precisava tomar. E o medo que sentia de que viesse, por imprudência, acontecer alguma coisa. Mas ele não me ouviu: mandou que eu calasse a boca. (LOPES, 1993, p. 50-51)

A violência contra Isaura (mãe) ultrapassa, portanto, os limites do quarto. Antônio, ao querer obrigá-la a ir a uma festa quando não era de sua vontade, porque estava grávida, também a agride.

Outro espaço em que Isaura (mãe) vai ser hostilizada é na cozinha. Este é outro espaço do qual as mulheres são, tacitamente, obrigadas a cuidar e dar conta da produção das refeições para o marido, na hora em que ele desejar.

Seguindo a leitura, podemos observar, no trecho retirado do romance, que Isaura (mãe) será obrigada por Antônio a cortar lenha, de madrugada, para fazer o seu café, quando ele retornou da festa, à noite, alheio ao seu estado. Por estar grávida, deveria ter cuidados especiais:

E enquanto os meus olhos marejavam e eu continha o choro e pedia forças a minha mãe, já montado em um cavalo, e sem se despedir de mim, ele foi comemorar com os companheiros aquele seu dia de glória, só chegando de madrugada, logo após a saída dos cães, que voltaram a circular a nossa casa. E aos gritos e alheio ao frio e ao mal-estar que eu sentia obrigou-me a sair, de camisola, para rachar lenha, pois ele queria tomar café. (LOPES, 1993, p. 51)

Cabe à mulher, também, servir os convidados do marido nos festejos. Mesmo grávida, precisava dar conta dos preparativos e de servir as mesas a contento de Antônio:

E cenas como estas, a princípio dentro de casa, mas mais tarde à medida que a campanha se acirrava – viriam a ocorrer, com uma frequência tão absurda que, quatro meses após a sua indicação, e dois dias depois de um chute que levei, em mais uma tentativa de fazê-lo desistir da disputa – enquanto ainda estava a tempo – depois de haver passado o dia limpando frangos e leitões e dando ordens para que tudo corresse dentro do previsto e nada faltasse ao comício que seria realizado em frente ao curral antigo, com a presença de Cristiano Machado e de todos os deputados e líderes regionais, eu comecei a sentir, a princípio, uma branda contração, para a qual não dei importância, tendo apenas comentado com Lia que me disse: vá descansar um pouco. (LOPES, 1993, p.51)

E Antônio, que desde a manhã eu não via, mandou um menino me chamar. E, bastante agitado, passou a mão em minha cabeça, esboçou um sorriso, disse que haviam chegado uns compadres seus, e que fosse providenciada a comida. Enquanto ele tomava um banho, e eu – ao servir pela quarta vez a mesma mesa – deixava escapar um grito, após levar as mãos à barriga e pasmar os que estavam na sala ao dizer procurando o encosto de uma cadeira: me ajudem, por favor, pois eu não posso perder o meu filho! (LOPES, 1993, p.52)

Depois de tantas cenas de violência, Isaura (mãe) abortou o filho que tanto queria. As agressões e o trabalho, em um momento em que o repouso era essencial, levaram à interrupção da gravidez.

A divisão sexual do trabalho, que é uma construção cultural, atribui ao gênero feminino a administração dos afazeres domésticos. O funcionamento da casa deve estar impecável para que o marido não cobre, às vezes até de forma violenta, as obrigações da mulher. Desta forma, a violência doméstica contra a mulher não deve ser explicada a partir sujeitos singulares, mas precisa ser compreendida dentro do contexto em que está inserida, e

que lhe dá sentido. Assim, as construções culturais de gênero e os papéis exercidos por homens e mulheres (feminino e masculino), dentro da sociedade derivam do conjunto de significantes/significados, fornecidos pela cultura. Por isso que homens e mulheres aceitam, de alguma forma, a divisão sexual imposta pelo patriarcado. A violência baseia-se na produção contínua de crenças no processo de socialização, que levam o indivíduo a se posicionar no espaço social, seguindo critérios e padrões do discurso patriarcal.

A neta (Isaura filha) também traz, na memória, a violência sofrida quando criança. A menina sofreu violência física imputada pela mãe, com o consentimento do pai, quando se sujava e comia fezes dos porcos. A Isaura (mãe) a arrancou do chiqueiro “[...] com pancadas cujas marcas por muitos dias ficariam em suas costas [...]” (LOPES, 1993, p. 37). A surra, no entanto, não fora considerada suficiente. E, então, a neta (Isaura filha) também foi colocada de castigo, trancada no quarto.

O quarto é sempre visto como um local de abandono, sofrimento e castigo. Com a neta (Isaura filha) repete-se a história que, tal como as tranças, entrelaça-se em vários momentos da narrativa. A neta (Isaura filha) é mantida presa no quarto quando apresenta um comportamento considerado inadequado: “E foi assim que nas três noites e nos três dias que se seguiram sem sair do quarto que só seria aberto na hora do almoço e do jantar ou para satisfazer suas necessidades, [...]” (LOPES, 1993, p. 37).

O quarto era usado para castigar e, assim, corrigir o comportamento indesejado da filha, quando se sujava inteira brincando no chiqueiro com as fezes de porcos.

Saffioti (2001) afirma que as mulheres não têm um projeto de dominação-exploração como os homens, mas podem encarnar a função do patriarca. Quando ele não está presente, a mãe desempenha, por delegação, o papel do pai e, assim, assegura o perfeito funcionamento da máquina patriarcal.

Com relação à neta, por exemplo, salienta-se que ela fora estuprada por um homem que frequentava sua casa e que era bem quisto e agradado pelo pai, pela mãe e pela avó com mesa farta e café bem quente:

Mas de uma outra vez, quando chorando em silêncio e por imposição de minha mãe, eu o segui até sua casa, assentado em um sofá macio, comigo no seu colo, aquele homem de roupas negras e mãos enormes, me levou em seguida até ao escritório [...]. E daí em diante por mais que eu tente [...], só consigo-me lembrar de coisas como uma cama coberta por uns lençóis brancos e umas mãos imensas abafando os meus gritos. (LOPES, 1993, p. 76).

A avó foi estuprada pelo seu algoz, já a neta (Isaura filha) será estuprada com o consentimento dos familiares. De forma tácita, relacionamentos por interesse eram frequentes, e a noção de que qualquer relacionamento sexual forçado é estupro não é ventilado no romance.

A neta (Isaura filha) tentará desvencilhar-se das amarras do patriarcado. Sendo alguém independente financeiramente, busca, em seus parceiros, relações menos conflituosas. Ela queria romper com o tipo de relacionamento que a mãe e a avó tiveram com seus maridos:

E se abraçou a mim, me pediu que o ajudasse: eu o estreitei em meus braços, senti como era quente o seu corpo, e pensei nas tantas outras coisas adormecidas no coração daquele menino que eu buscava, para amá-lo cada vez mais, fazê-lo meu e ser a sua mulher em uma relação mais inteira de paixão e amor, que nos separasse a léguas da que existiu para a minha avó e para a minha mãe. (LOPES, 1993, p. 81)

Ela viverá num eterno paradoxo em que consegue livrar-se momentaneamente do modelo patriarcal, quando por um tempo foge de tudo. Porém, todo o sofrimento vivido por ela, pela avó e mãe sempre estão na sua memória.

Mesmo surgindo um novo homem em sua vida, ela não consegue se entregar por completo a este novo relacionamento, já que o fantasma de Antônio continua vivo na memória:

Nem mesmo quando conheci Douglas e com ele descobri uma realidade mágica [...] sentindo as suas carícias que se prolongavam em nossos corpos, enquanto os prazeres multiplicavam e ele dizia: eu quero você ao meu lado. Eu que, nem deste modo, pude expulsar o seu fantasma, Antônio, que me impediu de responder àquele homem: sim, eu também te amo, quando, em uma noite, ele me perguntou, apertando-me em seus braços e com os olhos marejados: o que te impede de seguir comigo. (LOPES, 1994, p. 90).

O que a impede de se entregar por completo é a memória dos relacionamentos opressivos de que foram vítimas sua mãe e sua avó. Para fechar o ciclo rememorativo, a neta (Isaura filha) volta ao mesmo quarto onde sua avó viveu, durante anos, presa, com ódio do marido, e sua mãe removeu a dor da traição. Afirma: “[...], resolvi deixar tudo e voltar a esta casa e a este quarto, onde vivi os anos mais importantes de minha vida, [...]”. (LOPES, 1994, p. 88). E continua: “Enquanto fumo mais um cigarro e rodando entre os meus dedos esta chave, ouço os ventos que estremecem as janelas, assoviando aos meus ouvidos antigas canções de ninar” (LOPES, 2001, p. 125).

Assim, fecha o ciclo rememorativo, já que, lá no quarto, as recordações da infância, a

conversa com a avó e o sofrimento da mãe pelo desprezo do pai são muito mais vivos na memória da jovem.

Conclusão

No romance *A dança dos cabelos*, a história da Isaura (avó), que não aparece narrando, vai ser recuperada na memória da neta. Toda a história é trazida para o leitor a partir da lembrança desta última, baseada em uma conversa que tivera com a avó, antes da avó se suicidar, e das recordações da Isaura (mãe) que também estão presentes no romance. Assim, as lembranças individuais da neta não são inéditas, já que a convivência familiar contribuiu para o desenvolvimento da memória das histórias vivenciadas pelas mulheres da família. A violência de gênero vai fazer parte da experiência das três personagens, mas é muito mais cruel na vida de Isaura (avó) e de Isaura (mãe).

As três personagens (avó, mãe e neta) estão presas aos condicionamentos sociais e patriarcais que ainda dão maior poder ao chefe de família. Por isso, mesmo discordando, e tendo desejos pessoais, passam parte importante de suas vidas sendo agredidas.

Em *A dança dos cabelos*, as três Isauras, apesar de pertencerem a três gerações diferentes, têm atitudes parecidas, sofrem violência, determinada pela condição feminina, num mundo fortemente patriarcal. O mundo mudou muito, a tecnologia avançou, mas, quando o assunto é a igualdade de gênero (fundamentalmente nos casamentos), temos um longo caminho a percorrer.

O espaço da casa – especialmente o quarto e a cozinha — são os mais importantes, pois neles a memória da violência assume contornos de crueldade no romance analisado. Mas o quarto, em especial, é o espaço em que a violência beira à tortura. Entre quatro paredes, a brutalidade não tem testemunhas. Por isso, os relatos do que ficou na memória das Isauras são importantes para dar visibilidade às vozes de outras Isauras, Marias, Beneditas..., que sofrem caladas quando são violentadas pelos seus maridos.

REFERENCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 6. ed. São Paulo: perspectiva, 1976. p.51-80.
- DAMATA, Roberto. Espaço, casa, rua e o outro mundo: o caso Brasil. In: *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. P. 33-70
- LOPES, Carlos Herculano. *A dança dos cabelos*. Rio de Janeiro: Record, 1993
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 24, p. 15-34, 2004
- RICHARTZ, Terezinha. Gênero e patriarcado: da dominação-exploração às pequenas conquistas. In: _____. *Cotas e autonomia: paradoxos da implementação da lei de cotas para cargos no legislativo paulista nos partidos PT, PSDB E PFL*. 294 f. 2007. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. cap. 2, p. 26-60. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20360_arquivo.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2019
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 16, p.115-136, 2001: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
(Coleção Brasil Urgente)
- THERBORN, Gorän. *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. Tradução Elizabete Dória Bilac. São Paulo: Contexto, 2006.

Artigo recebido em fevereiro de 2019.

Artigo aceito em abril de 2019.